

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

MARÉ ALTA QUATRO VENTOS

OBRAS COMPLETAS



TEATRO – I


ACONTECIMENTO

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

TEATRO — I

MARÉ ALTA

QUATRO VENTOS

Título: TEATRO I — Maré Alta • Quatro Ventos

Autor: João Pedro de Andrade

Revisão: Sílvia Andrade

**Composição, Paginação e Grafismo:
ACONTECIMENTO
Estudos e Edições, Lda.**

**Capa, Impressão e Acabamento:
ART&PUB e IMPRESSE 4**

**Colecção NATÁLIA CORREIA
Direcção Editorial de João Marques de Almeida**

© 1998

**ACONTECIMENTO
Estudos e Edições, Lda.
R. Gil Vicente, 24-Atelier
1300 Lisboa
Tel./Fax 362 33 09**

**Depósito Legal N.º 129 479 – 98
ISBN 972-8011-31-8**

MARÉ ALTA

Peça em 3 Quadros

1947

Personagens:

ANA

JOÃO

FILIPPE

TIO VICENTE

CENÁRIO

A cena representará, nos três quadros, o interior duma habitação humilde de faroleiros. Toscos utensílios de cozinha. Uma mesa e dois bancos. À direita, um leito de ferro, com uma enxerga e roupa escassa. À esquerda, porta para outra divisão da casa. Ao fundo e à esquerda, porta para o exterior, e mais à direita, também ao fundo, janela. A um canto, canas e apetrechos de pesca. Na parede, pendurada, uma espingarda.

QUADRO PRIMEIRO

CENA I

JOÃO e FILIPE

(João, de pé junto da porta da esquerda, parece embebido na contemplação de qualquer coisa ou alguém que do outro aposento lhe atrai a atenção. Ao mesmo tempo dirige olhares de receio para a porta do fundo, que está entreaberta. Pela janela entra a claridade de uma tarde que fenece. Vem do exterior o som violento, mas ritmado, dum machado percutindo lenha. O som pára. João afasta-se da porta, tira de sobre um fogareiro tosco uma panela fumegante que põe sobre a mesa. Quando Filipe entra, João está dividindo em duas doses, para pratos de esmalte, o conteúdo da panela.)

FILIPPE: Raio de vida! *(João aquiesce com um leve sorriso. Filipe como consigo:)* Temos lenha p'ra mais de oito dias. *(Indicando o aposento à esquerda)* Dorme ainda?

JOÃO: Não a senti mexer.

FILIPPE: Irra! Parece que não dormia há uma semana. *(começam a comer mudamente. Alternadamente, os seus olhares são atraídos para a alcova. Filipe fá-lo naturalmente, pois está de frente para a porta. Mas João tem de se voltar. Em dado momento, os olhares de ambos encontram-se. João baixa a cabeça soprando a comida):* Nem por isso acho muito quente. *(João deixa de soprar)* Há muito tempo que digo que isto tem de se acabar, mas agora é de vez: tem de acabar.

JOÃO: É tanto agora como dantes.

FILIPE: Queres dizer que isto não acaba nunca?

JOÃO: Não. Quero dizer que desejamos sempre que acabe.

FILIPE: Tu tens menos razão p'ra o desejar que eu. Há oito anos que ando neste desterro. Há oito anos que faço serviço de faroleiro numa ilha perdida. Há oito anos que vejo as mulheres por um óculo. Estou farto disto.

JOÃO (*sem convicção*): Também eu.

FILIPE: Tu! Tu chegaste aqui ontem. Tens vinte anos: uma vida inteira diante de ti.

JOÃO: Nem cheguei ontem nem tenho vinte anos, estou nesta ilha há mais de dois anos e tenho 24. Mas tu serves-me de exemplo. Quando tiverem passado oito anos hei-de estar ainda à espera de vaga no continente.

FILIPE: Vou-me embora. E há-de ser breve. (*Voltam a comer em silêncio.*)

JOÃO (*docemente*): Filipe! (*Filipe ergue o rosto interrogativamente*) Talvez isto agora mude... para melhor.

FILIPE: É boa! Porquê? (*João olha de soslaio para a porta da alcova.*) Em que é que a moça pode vir fazer mudar...?

JOÃO (*confuso*): Somos homens. Não nos ajeitamos a tratar duma casa.